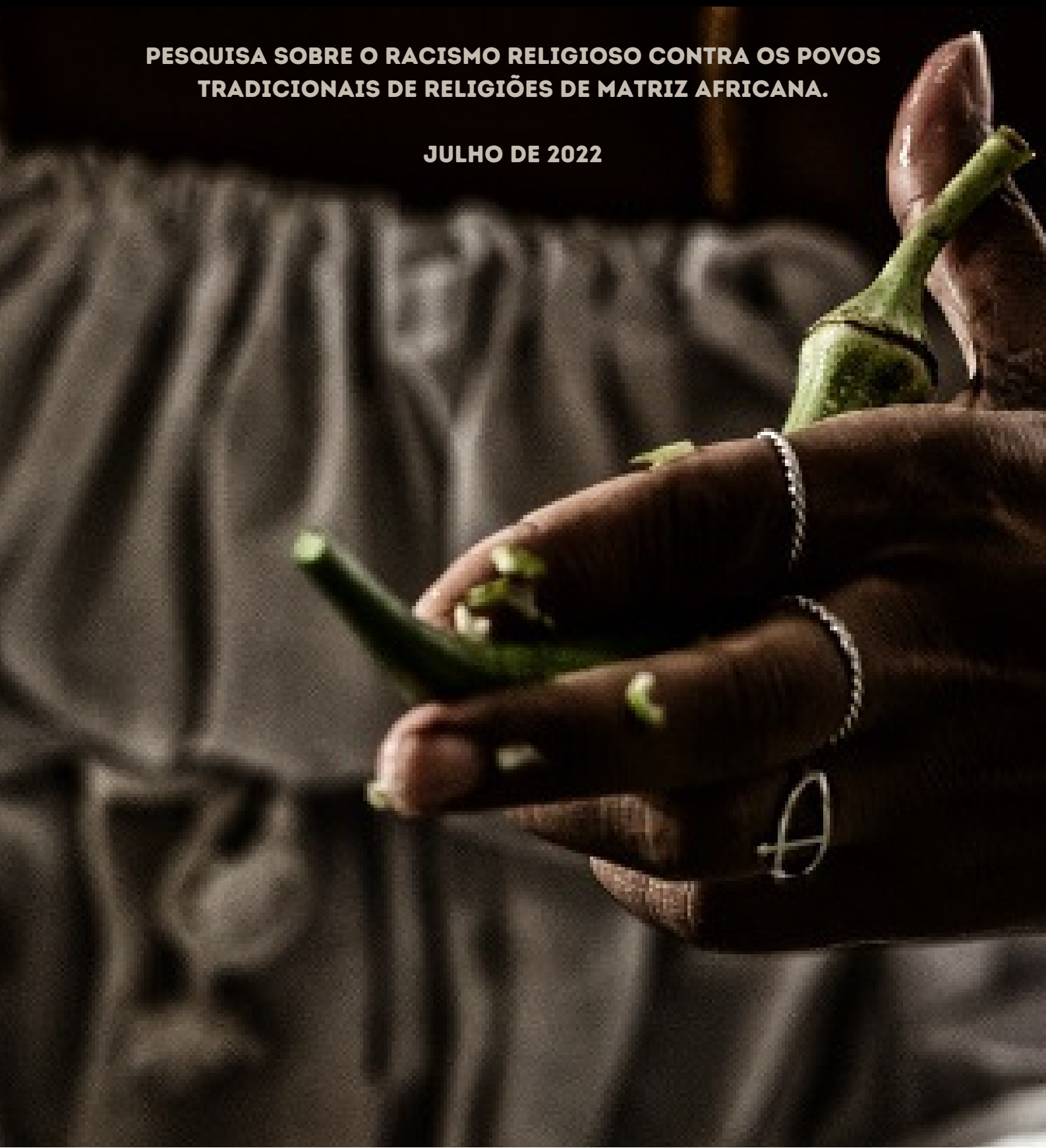


RESPEITE O MEU TERREIRO

PESQUISA SOBRE O RACISMO RELIGIOSO CONTRA OS POVOS
TRADICIONAIS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA.

JULHO DE 2022



Sumário

- 02 — Introdução**
- 04 — Sobre a Pesquisa e Metodologia**
- 05 — Contradições e Dados oficiais**
- 06 — O perfil dos entrevistados**
- 07 — A diversidade das matrizes**
- 08 — Acessibilidade e redes sociais**
- 09 — Como estão estruturados**
- 10 — Sobre o racismo religioso**
- 11 — A violência nos terreiros**
- 12 — Direitos individuais violados**
- 13 — A violência como método**
- 14 — A quem recorrer**
- 15 — A que ponto chegamos**

apoio:



**Raça &
Igualdade**

Instituto
Internacional
sobre Raça,
Igualdade
e Direitos Humanos

realização:

ILÊ OMOLU OXUM



**REDE NACIONAL
DE RELIGIÕES
AFRO-BRASILEIRAS
E SAÚDE**

Introdução

Historicamente, o culto de religiões de matriz africana no Brasil vem sendo marginalizado e as comunidades de terreiros são vítimas constantes de racismo religioso. Desde as suas remotas organizações, os povos de terreiros foram o principal alvo dos ataques racistas por parte do Estado brasileiro, com o objetivo explícito de reprimir as suas práticas. Em meados do século XIX, a Polícia da Corte apreendeu diversos objetos em locais chamados de “Zungus” ou “Casas de dar Fortuna”, cujo destino de parte desse acervo foi para o Museu Nacional, incendiado tragicamente em 2018. Já no início no século XX, muitos outros objetos sagrados foram apreendidos dos terreiros de Umbanda e Candomblé, em batidas promovidas pela Polícia Civil e levados para o antigo prédio do DOPS – atualmente Museu da Polícia Civil.

Chamada de Coleção Museu da Magia Negra ganhou destino definitivo junto ao Museu da República, em 21 de setembro de 2020, depois uma longa campanha liderada por Mãe Meninazinha de Oxum e outras lideranças religiosas.

A transferência da coleção Nosso Sagrado se transformou num símbolo e hoje, é uma das ações mais contundentes de reparação histórica realizadas no Brasil.

Diferentemente de como ocorria no passado, o Estado não é mais o principal agente repressor das comunidades tradicionais de terreiros, mas os violentos ataques sistemáticos contra estas religiões não só continuaram, mas se intensificaram e ganharam outros atores, nuances e métodos diferentes, ungidos pelo racismo e etnocentrismo que esta pesquisa pretende desvendar. Durante o período de fevereiro a junho de 2022, disponibilizamos um formulário dirigido às lideranças de religiões de matriz africana e realizamos uma campanha de divulgação na internet, que contou com a participação de mães e pais de santo das casas mais tradicionais do Brasil, pesquisadores, jornalistas e artistas, que gerou uma grande mobilização nos meios religiosos, acadêmicos e políticos, além de conseguir inserções espontâneas nos principais veículos de comunicação. Ressaltamos que, por conta da repercussão da pesquisa e da campanha Respeite o meu terreiro, a Renafro foi convidada pelo Tribunal Superior Eleitoral, para representar os povos de religiões de matriz africana na cerimônia de assinatura do Termo de Cooperação pela Paz e Tolerância.

(Clipping com manchetes de jornais e revistas sensacionalistas, publicados no período das décadas de 1930 a 1980.)

O DESASTRE
de aviação de Santíssimo
Sepultamento do corpo do tenente Góes Monteiro e tras-
ladação dos despojos do tenente Pereira da Silva para a
capela do cemitério de S. João Baptista

O JORNAL
POLÍCIA *REPORTAGEM
INTERDICTO
o "Raul Soares"

Surpreendidos pela polícia
em plena função
O "PAE DE SANTO" E OS INÚMEROS "CAMBO
NOS" FORAM DETIDOS E FICHADOS

FOI SUICÍDIO
Escorçado e casa Fritz Lindenthal - A Se-
gurança Pública, procura, agora, apenas,
o cadáver

SEDUZIU
todas as filhas

Rec

Diário de Notícias NOTICIÁRIO

A força milagrosa de Exu que não adivinhou a visita da polícia
Matou um estivador

Paixão de moço
UMA FOGUEIRA NA AVENIDA RIO BRANCO

Uma macumba em Botafogo

Morte natural ou envenenamento?

Adquirir um Terreno em Prestações

A seção de Tóxicos e Mistificações prendeu, ontem, o charlatão José Antonio Salles, acusado de haver estorquido 1:080\$000, de um negociante, para curar uma parenta do lesado

Uma tradição que se desmorona...

Mistificador!

SEDUZIU

Rec

AS NOIVAS DOS DEUSES SANGUINÁRIOS

Rec

AS NOIVAS DOS DEUSES SANGUINÁRIOS

Rec

AS NOIVAS DOS DEUSES SANGUINÁRIOS

Rec

AS NOIVAS DOS DEUSES SANGUINÁRIOS

Rec

O CANDOMBLÉ NÃO SERÁ MAIS CONTROLADO PELA POLÍCIA

Rec

O CANDOMBLÉ NÃO SERÁ MAIS CONTROLADO PELA POLÍCIA

Rec

Sobre a pesquisa

A Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde e o Ilê Omolu Oxum lançaram em fevereiro de 2022, uma pesquisa com o objetivo de mapear o racismo religioso no Brasil, a partir de um formulário dirigido às lideranças religiosas, organizando um verdadeiro raio-x sobre a violência contra as comunidades tradicionais de terreiro.

O objetivo principal da pesquisa é gerar uma amostragem nacional, focada no crescente número de casos de intolerância religiosa, mas também apurar o perfil institucional dos terreiros, suas tradições e relações com a comunidade.



Metodologia

Direcionamos a nossa pesquisa espontânea para as lideranças de religiões de matriz africana, cuja aplicação das questões foi realizada de forma institucionalizada e não personalizada, dividida em duas partes:

- a). perfil da organização religiosa;
- b). relação da sua comunidade com as situações sobre o racismo religioso.

Para alcançarmos este formato, convidamos diversos parceiros para participarem deste processo de elaboração do formulário, tais como: profissionais da área jurídica, lideranças religiosas, pesquisadores, representantes dos Núcleos Regionais da Renafro, Idafro e Race & Equality.

Contradições

Ainda que o Brasil abrigue uma grande diversidade de grupos religiosos, são contraditórias as informações oficiais, com a realidade apresentada. De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, os católicos representavam 65% da população brasileira. Naquela época, eram quase 124 milhões de adeptos, enquanto que os evangélicos somavam mais de 42 milhões. O IBGE apontava que, menos de 1% dos brasileiros praticavam as religiões de matrizes africanas.

Apesar da defasagem de mais de dez anos, o censo demográfico não corrigiu a sua abordagem sobre religiões, onde apresenta apenas uma única questão a respeito. Isto afeta diretamente a apuração sobre o número de praticantes de religiões de matriz africana. Não há como atuar de forma eficiente sobre as questões que envolvem uma parcela da população, quando não se obtém informações precisas sobre ela. O censo é a ferramenta governamental mais importante para aferir os principais indicadores sócio-econômicos do país.

Dados oficiais

Brasil registra três queixas de intolerância religiosa por dia, em 2022. Só neste ano, o país teve 383 denúncias de intolerância religiosa, de acordo com o número de queixas recebidas entre janeiro e junho apenas no Disque 100, serviço para denunciar violações de direitos do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. O Estado com mais registros é Rio de Janeiro, com 81 denúncias, seguido de São Paulo, com 63, Minas Gerais (29). A maioria dos relatos foram feitos por praticantes de religiões de matriz africana. Grande parte das vítimas, 65,8% são mulheres. A situação se agrava no ambiente virtual, com 2.813 denúncias entre janeiro e junho deste ano, onde houve um acréscimo de 654,1%, em relação ao mesmo período do ano passado.

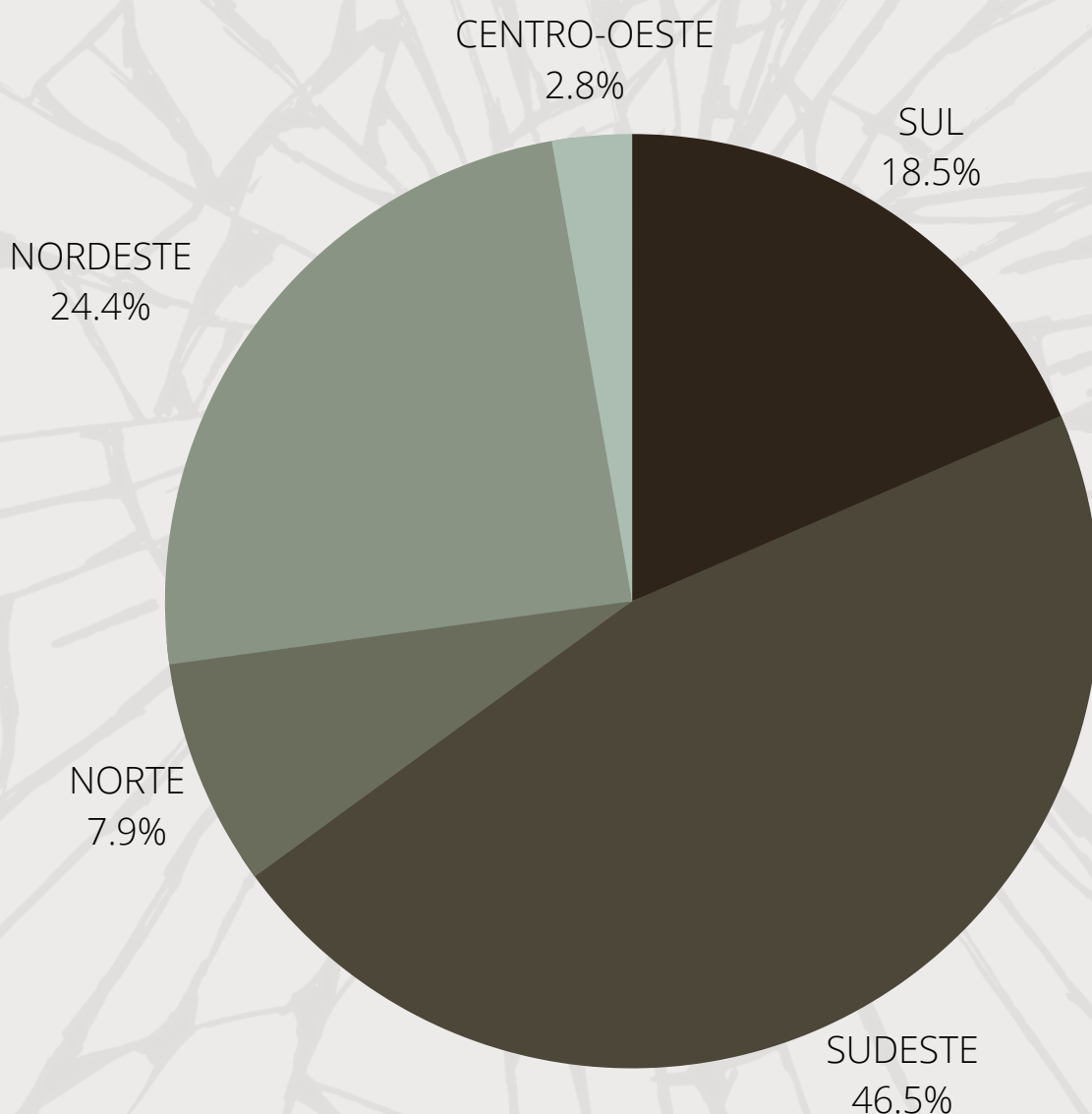
Além da subnotificação dos casos de racismo, há indícios de que a maioria das pessoas que chegam à delegacia não conseguem fazer uma denúncia, por entraves burocráticos ou leniência dos servidores.



O perfil dos entrevistados

A pesquisa conseguiu alcançar 255 comunidades tradicionais de terreiros de todo o território nacional

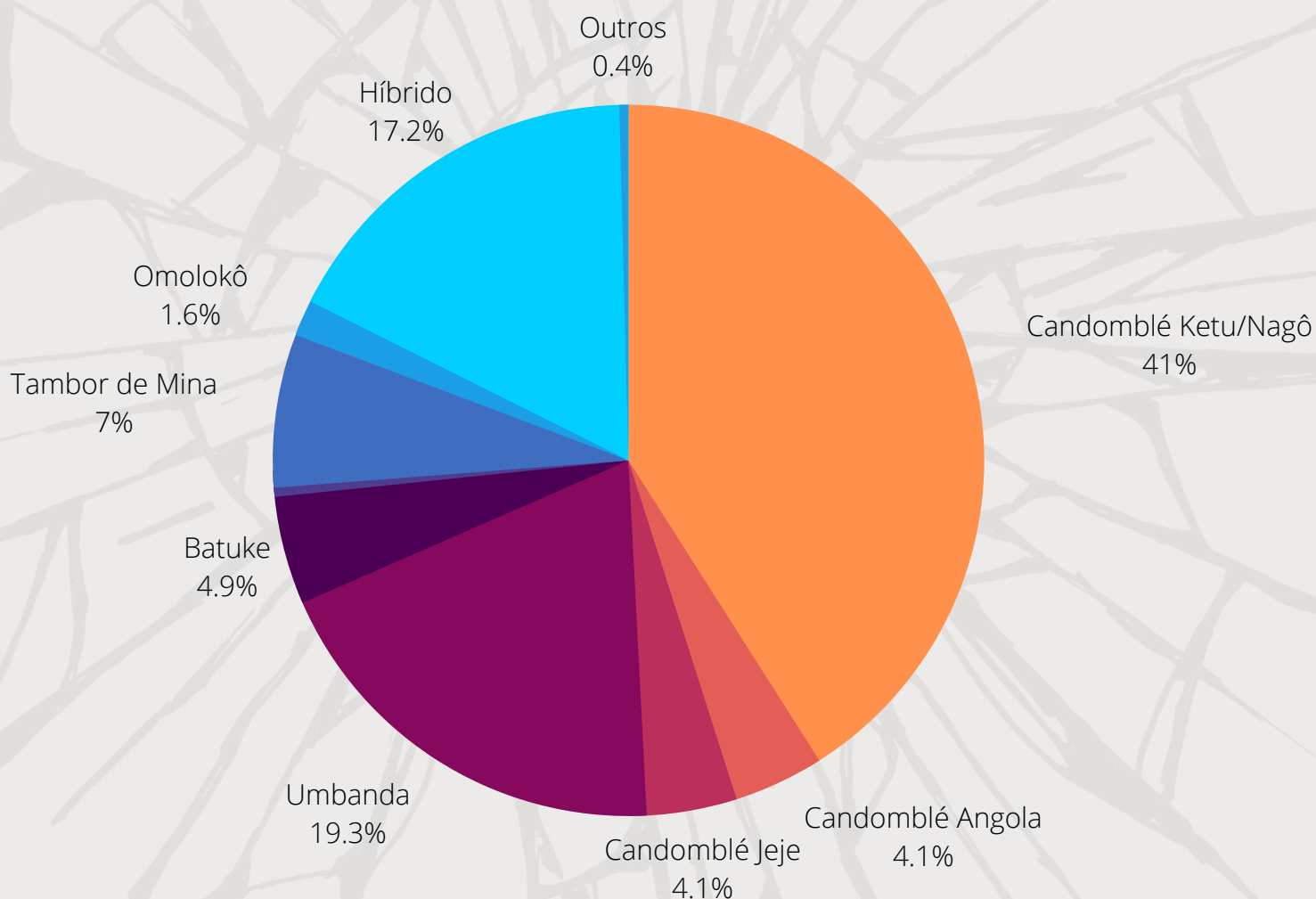
Por se tratar de uma pesquisa de adesão espontânea e voluntária, o seu alcance dependeu prioritariamente do acesso ao formulário na internet, além da permeabilidade que a campanha de divulgação alcançou em cada região do país. Por isso, apresentamos o gráfico que distribui regionalmente e também em percentuais, a participação dos dirigentes de terreiros que responderam ao questionário.



A diversidade das matrizes

Os entrevistados revelam como professam a sua fé

Diferentemente de como ocorre no censo demográfico, a nossa pesquisa abordou as diferentes práticas de culto ao sagrado pelas comunidades tradicionais de terreiros. Compreendemos também, que estas práticas podem se associar a outras compatíveis à cosmologia africana, gerando sistemas híbridos de características específicas, muitas vezes influenciados por questões históricas ou geográficas.



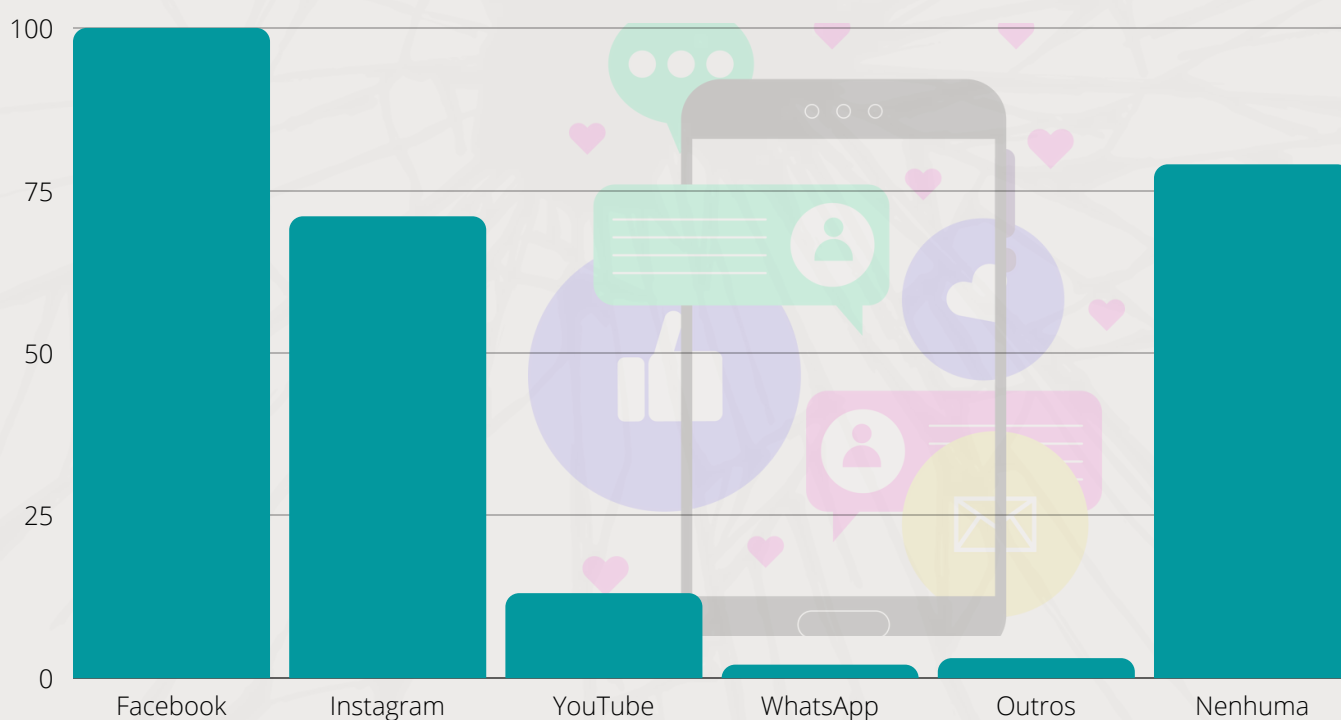
Acessibilidade e Redes sociais

Como os entrevistados articulam a sua comunicação e as respectivas adesões às redes sociais

Levando-se em conta que esta pesquisa foi aplicada no ambiente da internet, perguntamos aos nossos entrevistados se fazem uso das redes sociais. Alguns deles, que responderam afirmativamente, utilizam seus perfis pessoais para postagens em nome de suas instituições. Também foi possível observar que há divergências sobre o entendimento do que seja uma rede social, como nos casos em que alguns entrevistados responderam negativamente, porém, afirmaram utilizar aplicativos para se comunicarem com os seus pares.



A pesquisa apurou que 31 % dos entrevistados afirmaram que não fazem uso das redes sociais.

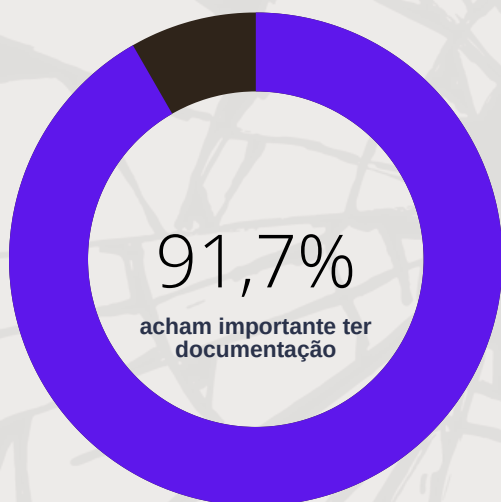
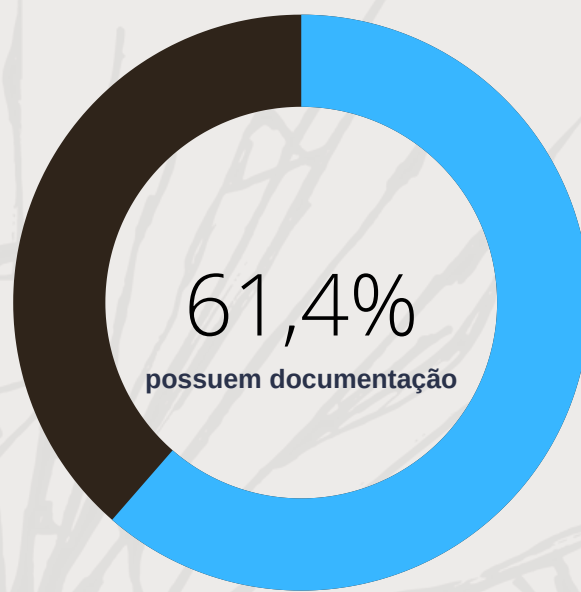


Dentre todos os entrevistados, apuramos: 100 perfis de Facebook, 71 perfis de Instagram, 13 perfis de YouTube, 2 perfis de WhatsApp, 3 perfis em outras redes e 79 sem nenhum perfil.

Como estão estruturados

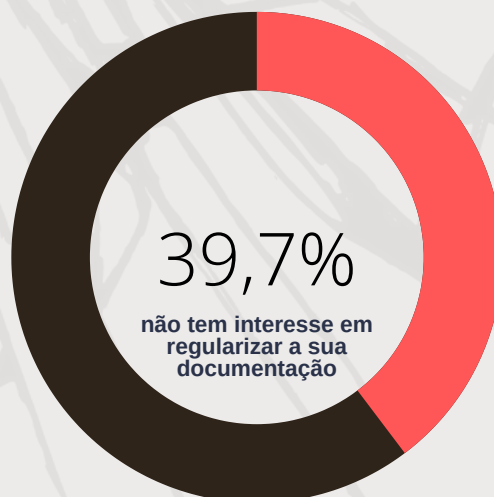
Perguntamos sobre a estruturação jurídica dos terreiros

Procuramos saber entre os terreiros entrevistados, quais deles possuíam documentação jurídica e/ou registro oficial, que acaba por impactar diretamente em seu acesso aos recursos disponibilizados por diversas fontes, para execução de projetos sócio-culturais.



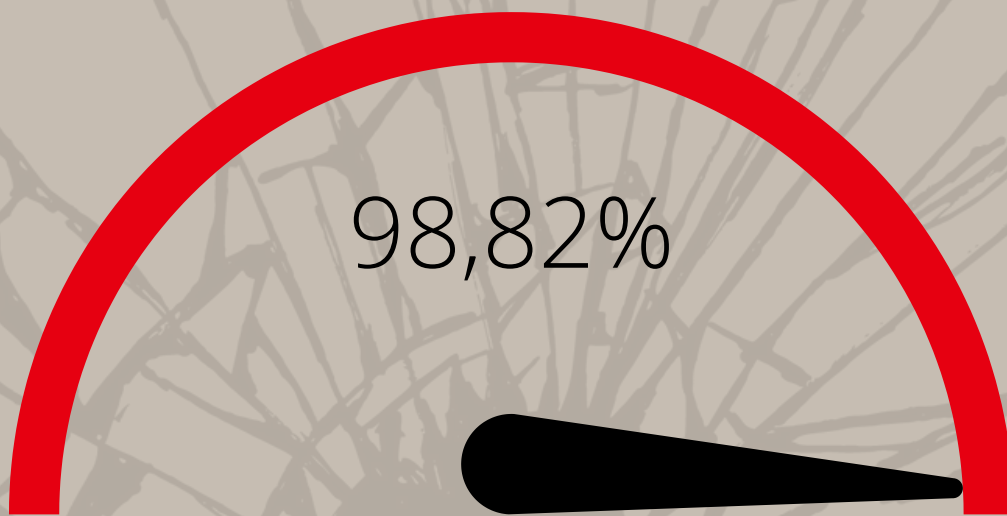
Contudo, uma maioria esmagadora dos entrevistados acredita que seja extremamente importante para a sua organização, que estejam com a documentação regularizada.

Mesmo assim, ao perguntarmos para aquelas organizações que não possuem documentação e/ou registro oficial, uma parcela significativa afirmou que não possui interesse em regularizar a sua situação.



Sobre o racismo religioso

A pesquisa investigou junto às comunidades tradicionais, o que sabem sobre racismo religioso e como isto os afeta



Quase todos os entrevistados afirmou saber o que é racismo religioso.

A lei que criou o Dia Nacional de Combate à intolerância religiosa completa quinze anos em 2022. É sem dúvida alguma, um marco que nasceu a partir da morte de uma mãe de santo, Mãe Gilda, que foi vítima de racismo religioso cometido criminosamente pela Igreja Universal. Entretanto, a violência aumentou nos últimos anos e políticas de combate foram enfraquecidas

É preciso observar a estreita relação do crescimento dos casos de racismo religioso com as práticas extremamente conservadoras vigentes no nosso país. O Brasil vive uma situação de negação do direito do outro, autorizada por um estado teocrático, cristão e fundamentalista. Mas para superar a intolerância religiosa é necessário confrontar o racismo.

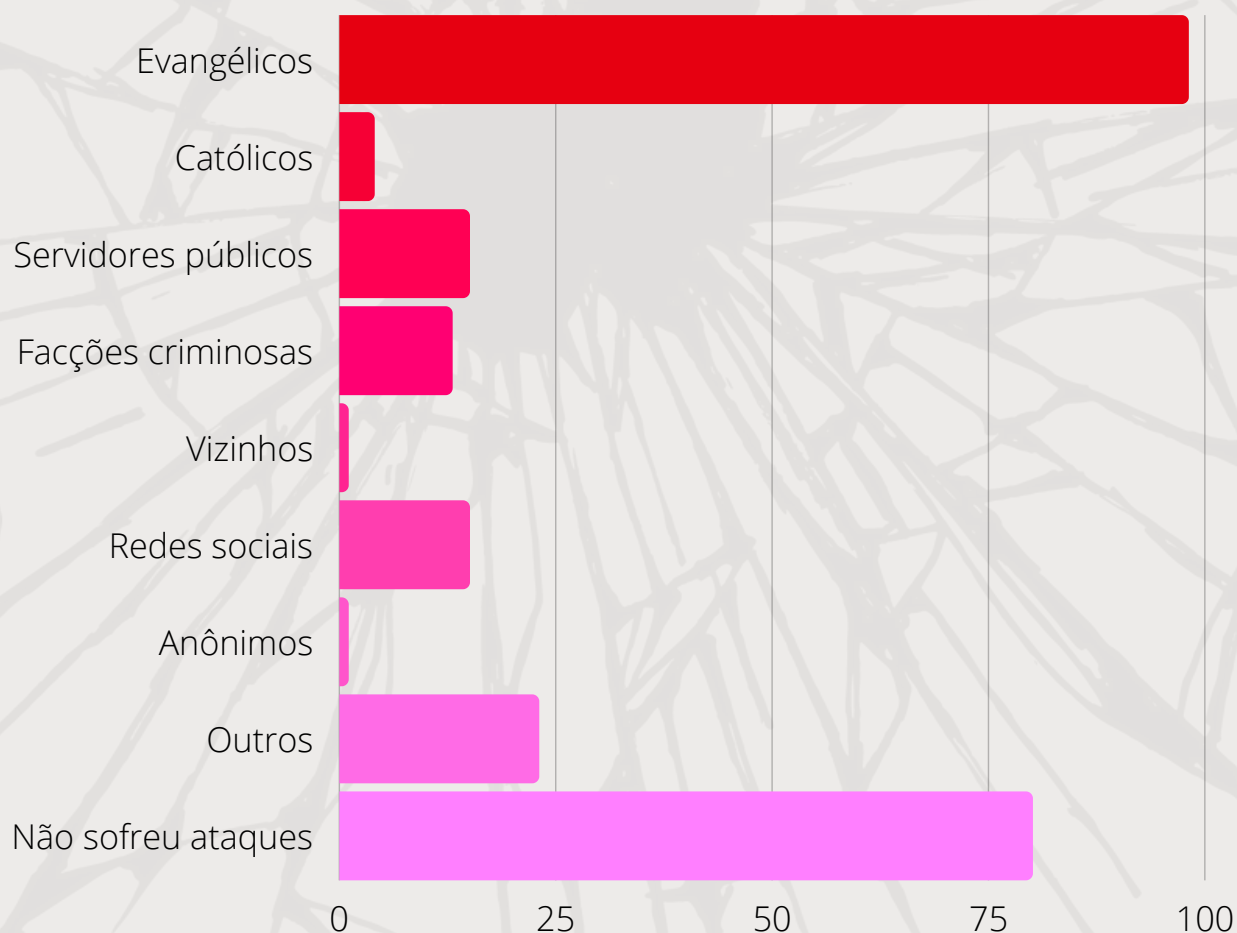
A violência nos terreiros

Perseguição e ódio ameaçam a liberdade religiosa

A perseguição e crimes contra religiões de matriz africana continuam a acontecer, mesmo com a garantia da liberdade religiosa pela Constituição Federal. Há cerca de dez anos, o Brasil assiste a um recrudescimento de uma violência desmedida contra as religiões afro-brasileiras, o que representa uma afronta aos direitos humanos.

Cada vez mais frequentes nas cidades de todo o Brasil, os meios de comunicação têm noticiado os casos de violações de direitos dos povos de terreiros, com ataques diretos aos templos, com invasões e destruição de patrimônio e profanação de objetos sagrados.

As práticas são, em geral, violentas e seguidas de ameaças e humilhações. Contudo, o ambiente virtual das redes sociais tem se tornado um campo propício para os ataques constantes, mas que no geral, não chegam a ser notificados.



A grande maioria dos terreiros atacados, declararam que os criminosos eram evangélicos.

Direitos individuais violados

Praticantes de religiões afro-brasileiras sofrem agressões físicas, verbais e violências psicológicas

O preconceito pode estar em qualquer lugar e se apresentar das mais diversas facetas: das mais veladas às mais agressivas. Os ataques sofridos pelos indivíduos das comunidades tradicionais de terreiros, ocorrem na rua, na escola, no ambiente de trabalho, na família e nas redes sociais. As formas de agressões também variam, desde um constrangimento público, "bullying" em ambiente escolar, xingamentos, pedradas, demissões do trabalho, seleção discriminatória para uma entrevista de emprego.

Ao consultarmos as lideranças de terreiros, obtivemos a informação de que uma maioria esmagadora de 91,76% delas, ouvem regularmente os seus filhos e filhas de santos relatarem que sofreram alguma forma de racismo religioso. Sendo que 57,65% dessas lideranças, nunca presenciaram nenhum tipo de agressão contra os membros de sua comunidade. E todas elas, sem exceção, responderam que reagiriam de alguma forma, caso presenciassem um caso de racismo religioso.

Contudo, ao serem questionadas sobre a existência de uma delegacia preparada para que pudessem recorrer, em caso de situações de racismo religioso, 68,63% responderam que não existe tal equipamento disponível no local onde vivem. Em relação ao serviço Disque Denúncia 100, 45,50% dos entrevistados revelaram não saber como funciona.

Apuramos nesta pesquisa que 78,4% dos entrevistados relataram que indivíduos de suas comunidades já sofreram algum tipo de violência motivada por racismo religioso.

A violência como método

Entrevistados revelam a sua rotina de medo e insegurança

A violência que os povos de terreiros vêm sofrendo sistematicamente nos últimos anos, tem acarretado uma série de problemas secundários, e que precisam ser levados em consideração.

Dentre os entrevistados que sofreram algum tipo de violência motivada por racismo religioso, é possível perceber que em sua totalidade, os relatos são de sentimentos de profunda tristeza, indignação, frustração, impotência e em alguns casos mais severos, situações traumáticas que desencadearam transtornos de ordem psicológica.

Apuramos que 48,23% dos terreiros sofreram de 1 a 5 episódios de racismo religioso, nos últimos dois anos; 4% deles, sofreram de 6 a 10 ataques; e, outros 4% sofreram mais de 10 ataques, realizados em sua grande maioria, por fanáticos religiosos.

Dentro do universo de terreiros que sofreram algum tipo de ataque, apenas 5,60% deles recorreram ao serviço Disque Denúncia 100 e em sua grande maioria, relataram falhas no atendimento. Ainda neste grupo, 18,90% revelaram que buscaram apoio da Defensoria Pública e, em sua grande maioria, registraram que foram bem atendidos. Sobre os serviços dos Ministérios Públicos Estadual e Federal, 21,68% relataram ter buscado apoio nestes órgãos e, em sua grande parte, foram atendidos muito bem. E 15,38% recorreram a algum tipo de assessoria jurídica.

"Estou me sentindo desamparada pela lei, há quase 2 anos fui expulsa pelos meus vizinhos, que apedrejaram o meu terreiro. Procurei a Polícia e o Ministério Público, mas nada foi feito até hoje."

A quem recorrer

Como é a percepção dos entrevistados, em casos de racismo religioso

Na parte final de nossa pesquisa, perguntamos aos nossos entrevistados se teriam a quem recorrer caso fossem vítimas de um episódio de racismo religioso.

Um total de 35,30% deles respondeu que não teriam a quem recorrer.



"Sugiro a criação de políticas públicas mais efetivas para assegurar os direitos do povo de religião de matriz africana."

A que ponto chegamos

Considerações a partir da análise de coleta de dados

- Falta de políticas públicas
- Impunidade dos criminosos
- Frustração e impotência

O Estado Brasileiro é laico e formado sobre uma democracia, na qual a pluralidade de crenças e valores é incalculável, justamente por pousar sobre a liberdade. Mas infelizmente, na prática não tem acontecido desta maneira, sobretudo na atual gestão deste governo que prega de forma ostensiva e sistemática a teocracia, para beneficiar os seus pares, em detrimento dos demais. As consequência disto, estão bem claras com o crescente número de casos de racismo religioso, sobretudo aos praticantes das religiões de matriz africana, em todo o território nacional.

Esta pesquisa confirma o que as comunidades tradicionais de terreiros estão vivenciando nos últimos anos, pois acolhem a grande parte dos relatos das vítimas de violência por motivação religiosa. Mães e pais de santo revelaram que os casos de



racismo religioso se tornaram uma prática comum, contra as suas filhas e filhos, extrapolando o ambiente religioso na maioria das vezes.

As ações orquestradas por facções criminosas na Baixada Fluminense, em conluio com segmentos de igrejas evangélicas, têm sido as formas mais violentas que foram relatadas. Mas em termos de abrangência nacional, os casos de violência desferida por fanáticos religiosos alcançaram índices alarmantes nos últimos anos.

Ainda que em número menor, são recorrentes os casos de racismo religioso apontados pelos entrevistados, em ambiente escolar, de trabalho, atendimento ao público, família e internet. O que nos leva à conclusão de que apesar de que as vítimas saibam quem são os seus agressores, a impunidade deles acaba por prevalecer.

Registramos ainda, os relatos sobre a grande barreira que se forma para que as vítimas registrem os casos de racismo religioso, motivadas pelo medo de perseguição, leniência e burocracia das delegacias ou mesmo até, pelo sentimento de que todo o esforço será inútil.

Procuramos saber junto aos entrevistados que sofreram algum tipo de violência por motivação religiosa, ou apoiaram alguma vítima, se buscaram as instâncias jurídicas públicas ou privadas para se defenderem. E a grande maioria que respondeu afirmativamente a esta questão teve uma experiência positiva a respeito. Ao contrário daqueles que recorreram ao serviço de Disque Denúncia 100, que reportaram atendimento regular ou ruim.



A grande questão que paira, diante das circunstâncias apresentadas nesta pesquisa é: como defender os povos tradicionais de matriz africana, frente ao descaso das autoridades, impunidade aos criminosos e do medo e frustração das vítimas?

A atual legislação brasileira não está dando conta de promover a segurança da população negra e tão pouco, dos praticantes de religiões de matriz africana. É quase um senso comum entre os entrevistados, que a mobilização das comunidades tradicionais de terreiros poderá enfrentar o racismo religioso de forma mais eficiente, para a formulação de novas políticas públicas protetivas e o funcionamento adequado dos equipamentos governamentais para coibir e punir os criminosos.



Recomendações

O que precisamos

- Políticas públicas adequadas
- Punição exemplar dos criminosos
- Realização de ações educativas



1. Aprimorar os mecanismos de denúncias contra os crimes de racismo religioso, como o atendimento nas delegacias e serviços de disque denúncia (telefone e internet)..
2. Punição severa aos agentes públicos que cometerem crime de racismo e/ou violarem os direitos da população negra, indígena e LGBTQIA+.
3. Aplicação de medidas reparatórias para os casos de racismo, injúria racial e intolerância religiosa.
4. Proibição de publicação de materiais de incitação ao ódio racial e outros tipos de discriminação, sobretudo na internet , com aplicação de sanções penais.
5. Aplicação da Lei 10.639/03 e 11.645/08, inserção de História e Cultura afro-brasileira na grade curricular, com a criação de materiais didáticos obrigatórios para as escolas.

Ficha técnica

Elaboração da pesquisa: Renafro e Ilê Omolu Oxum

Coordenação geral: Mãe Nilce de Iansã

Administração do projeto: Pai Wilton Augusto da Costa

Coordenação de comunicação: Iyawò de Oxóssi, Marco A. Teobaldo

Projeto gráfico: Quimera Empreendimentos Culturais

Fotografia: Alex Ferro

Assessoria de imprensa: Trella Comunicação - Priscila Bispo

Revisão e tradução (inglês): Mariana Teobaldo Boschetti

apoio:



realização:

